

OLHARES E ROTEIROS DE UMA VIAJANTE DO TERCEIRO MILÊNIO

Walnice Nogueira Galvão. *O tapete afegão*. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Lazuli, 2008.

Que ideias movimentaram o cenário cultural na mais recente virada de século e milênio? Quais roteiros e agendas assumiram novos significados nessa época? Ainda que essas perguntas não tenham sido inspiração consciente para Walnice Nogueira Galvão, os textos agora reunidos na coletânea *O tapete afegão* (2008) mapeiam esse vasto panorama de forma muito pertinente. Pensemos na aguda contradição entre diversidade e monotonia, característica do período: de um lado, intensificou-se a consciência da diversidade, tanto no âmbito acadêmico como nas práticas sociais; de outro, cresceu a incômoda sensação de “mais do mesmo”, consequência do que a autora identifica como fundamentalismo do mercado. Denunciar esse fundamentalismo sem perder de vista os matizes de cada novo desenho que se vai formando no grande tapete das manifestações culturais: eis a preocupação central da ensaísta. Lendo o livro, contempla-se a diversidade sem nenhuma monotonia, já que a escrita de Walnice passa longe dos jargões acadêmicos e revela muita ironia e bom humor.

“O fiasco do milênio”, um dos poucos textos que fazem referência à virada, curiosamente soa mais antigo que os outros, porque mais datado. Seu assunto é o “bug do milênio”, já esquecido pela maioria dos que se assustaram com seu anúncio em 1999. A ameaça da perda irrestrita de toda a memória eletrônica do planeta felizmente não se concretizou. Pode-se perguntar, então: se tanta coisa aconteceu nesse período, por que recordar justamente o que não aconteceu? Uma resposta possível é haurida no ensaio mencionado, que salta da informalidade inicial para indagações bastante profundas. Rememorar aquele fiasco ajuda a avaliar o que, segundo a autora, constituiu uma curiosa variação do milenarismo. Esse tema é caro a Walnice Galvão, cujo

nome, como se sabe, é referência obrigatória quando se fala de *Os sertões* (Euclides da Cunha) ou de *Os jagunços* (Afonso Arinos) e, por extensão, do conflito protagonizado pelo messiânico Antônio Conselheiro em Canudos. Passando pelo tema do milenarismo, o artigo desemboca numa inteligente análise da culpa que acomete a humanidade por ter acumulado enorme arsenal de conhecimentos. Fica sugerido que os mitos de Prometeu e de Fausto estão constantemente à nossa espreita, em qualquer fase da história.

Mas a ameaça da *hybris* pelo excesso de conhecimento não alcança uma ensaísta de interesses tão distintos entre si. Seu raciocínio dialético consegue equilibrar-se bem entre as denúncias e certo otimismo sub-reptício. O texto que dá título ao livro revela o potencial bélico de seu discurso crítico, ao registrar que os tapetes deste milênio, ao contrário dos milenares, incorporam figuras nada paradisíacas. Em vez dos elementos da natureza, os afegãos agora tomam como motivo de tapeçaria o rifle AK-47 e outros armamentos: “Se o tapete-jardim afirmava uma positividade a muitos graus de elaboração estética e cultural, ao contrário, o tapete ‘máquina-mortífera’ implicaria uma perda da capacidade de imaginar e de sublimar” (p.16). Disso, a autora conclui: a modernidade, chegada tardiamente ao Afeganistão, não se fez acompanhar pela beleza. Nem por isso se deve abrir mão da busca pela mais perfeita realização estética de que os homens são capazes, seja revisitando os clássicos, como Vermeer, cujos “instantâneos da rotina da vida [...] são de uma beleza extraordinária”, seja conhecendo e apreciando a produção contemporânea, privilegiada na maior parte do livro.

A divisão proposta no sumário contempla quatro partes: “Olhares”, “Mulheres”, “Registros” e “Roteiros”. Ainda que alguns ensaios pudessem perfeitamente migrar de uma parte a outra, não é difícil perceber a motivação dos subtítulos. Os seis “Olhares” focalizam exposições (de arte chinesa, de Lasar Segall ou de divas modernas) exibidas em museus de Paris e Nova Iorque,

que a autora visitou. Os cinco “Roteiros” têm destinos concretos ou abstratos, que podem levar ao sertão na busca de manifestações de arte popular (caso do texto sobre Afonso Arinos) ou à aristocrática Oxford, para assistir a uma festa tradicional. Dão conta também de migrações impulsionadas pela busca de uma melhor condição de vida.

Entre os olhares e os roteiros, permeiam figuras femininas notáveis e registros de episódios que merecem permanecer na memória, seja como fonte de saudade ou como advertência. A mencionada expressão “denúncia” – do fundamentalismo de mercado, do belicismo – pode soar deslocada ou excessiva no âmbito da crítica de arte contemporânea, mas ela se justificará se atentarmos para a extensa trajetória intelectual da autora, que nunca se afastou de alguma espécie de militância. No artigo que fecha a coletânea, “Pensando o presente”, Walnice Galvão declina sua profunda afinidade com o pensamento dos não menos combativos ensaístas Edward Said e Susan Sontag.

Escritos entre 1999 e 2007, os 29 ensaios breves foram divulgados em publicações variadas. Dão o tom do volume aqueles que foram escritos para cadernos e revistas de cultura (principalmente o *Mais!*, da *Folha de S.Paulo*, e *D. O. Leitura*, da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo). Trata-se de textos de alta capacidade comunicativa, informativa, e – mais importante – “instigativa”. A amplitude de interesses da autora é contrabalançada por significativa quantidade de descrição dos objetos escolhidos para análise, de forma que o leitor mais desavisado vai preparando-se, no momento mesmo da leitura, para partilhar ou não as opiniões críticas dirigidas a gatos de tão diferentes sacos. Em alguns momentos, menos felizes, a descrição não nos conduz a análise mais profunda, ou se percebe a marca negativa da velocidade das produções jornalísticas.

De coletâneas anteriormente publicadas – inclusive de *Saco de gatos* (Duas Cidades, 1976) e de *Gatos de outro saco* (Brasiliense, 1981) – retornam alguns temas

recorrentes das pesquisas de Walnice, como o da donzela guerreira, em “Metamorfoses da donzela guerreira” e em “A constante Florinda”. Outro assunto revisitado é a politização das artes em 1968. *Saco de gatos*, que reuniu textos escritos durante a ditadura militar, trazia uma dedicatória cifrada: “A Mariantônia, σμφαλός”. Passados mais de trinta anos, a rua e a Faculdade que foram umbigo de certo mundo, muito caro à formação ideológica da autora, aparecem como o espaço do discreto ativismo da professora Maria Isaura Pereira de Queiroz, primeira personagem homenageada na parte intitulada “Mulheres”. Nos demais textos desse subtítulo, mulheres reais se alternam com personagens de ficção. Além de Maria Isaura e de Walnice, outras também se relacionam, ainda que de forma indireta, ao tempo-espaço da Faculdade de Filosofia da USP da rua Maria Antônia, como a operária Teresina, imortalizada em estudo de Antonio Candido. Quando se lê sobre o perfil intelectual de Gilda de Mello e Souza (“Gilda e a ciranda das artes”), percebe-se certo espelhamento entre ela e Walnice. Tal como Gilda, é conhecedora de artes plásticas, embasa seu pensamento crítico no contato com a obra concreta e frequentemente escolhe objetos inusitados de análise. Se Gilda estudou o gestual de Fred Astaire, Walnice ocupa-se ora com a comparação de três diferentes biografias de Marilyn Monroe, ora com Jackeline Kennedy e Sarah Bernhardt, ambas transformadas em tema de exposição.

Quanto à literatura, o simples rol de escritores estudados já basta para evidenciar o interesse da autora pela produção de vários cantos do mundo: Isak Dinesen, Nadine Gordimer, Doris Lessing, Paulina Chiziane, Simone de Beauvoir, Hilda Hilst, Adélia Prado, Edna Saint-Vicent Millay, Sylvia Plath, Clarice Lispector, Ana Maria Machado, Pepetela, Lobo Antunes, J. M. Coetzee, André Brink. São frequentes as comparações entre obras de autores de diferentes nacionalidades, o que amplia a ideia de “roteiros”. Seja ou não para abordagem da arte literária, a sucessão de artigos constitui-se em voo sobre

variados territórios; por isso, a perspectiva da viajante que nos guia ao longo da leitura merece comentário.

O olhar de viajante de Walnice Galvão é experiente porque curioso, e curioso porque experiente. Lembremos, com Octavio Ianni, que “toda viagem destina-se a ultrapassar fronteiras, tanto dissolvendo-as como recriando-as” (IANNI, 2000, p. 13)¹. Em “Um dia em Soweto”, a autora conta que precisou ultrapassar uma barreira eletrificada para ir da África do Sul a Moçambique. Antes de cruzar essa inóspita fronteira, um acaso do destino permitiu-lhe assistir a um *show* de Miriam Makeba, cantora sul-africana que ela já conhecia e admirava. O espetáculo musical aconteceu justamente em Soweto, espaço icônico das lutas contra o *apartheid*, e isso foi motivo de maior alegria para a viajante. A intelectual brasileira levou em sua bagagem, além dessa admiração, o conhecimento da literatura de Nadine Gordimer e J. M. Coetzee, “escritores brancos ativistas do melhor lado”

Além da atitude antirracista, levou também uma atitude antiturística, comportamento que talvez constitua o *topos* mais característico da literatura de viagens produzida por brasileiros na modernidade. Das “manadas Cook” de Oswald de Andrade, passando pelo Alcântara Machado de *Pathé-Baby*, para quem os turistas formavam “hordas guiadas por algum Átila de farda”, chegando a Cecília Meireles, viajante por excelência, que em tantas crônicas tratou das diferenças entre turistas e viajantes, não faltam exemplos do que Walnice Galvão assim representou, ao comentar o interesse de Susan Sontag por esse mesmo assunto: “surgem observações sobre turismo, flagelo de nosso tempo, mesmo quando político e cultural, conjuntura em que os equívocos se acumulam” (p. 228). Considerar o turismo como calamidade, mais do que como a democratização das viagens, não deixa de ser uma contradição. Assim con-

siderando, fazer turismo não significa ter maior clareza sobre a realidade dos locais visitados.

No artigo que trata da viagem à África se lê: “Quando almoçávamos em Soweto [...] chegou um ônibus inteiro só com turistas italianos. O que nos fez rir, cômicos como nos sentíamos de nossa superioridade sobre o comum dos covardes mortais de pouca imaginação.” (p. 212). Descontada a ironia, ainda assim é forte a demarcação de fronteiras entre seres com e sem imaginação. Mas, assim como para Cecília Meireles, é a capacidade de ser criativo, e não algum resquício tardio de aristocracia do espírito, ou algum privilégio de celebridade “vip”, que distingue profundamente os seres que se deslocam pelo mundo. Nas palavras de Cecília, ao recusar as explicações de um guia de museu: “Bem sei que não sou capaz de ver nada do que me mostrem, nem de entender nada do que me expliquem. Tudo que aprendi até hoje – se é que tenho aprendido – representa uma silenciosa conversa entre os meus olhos e os vários assuntos que se colocam diante deles, ou diante dos quais eles se colocam.” (MEIRELES, 1999, p. 139).²

A viagem internalizada começa antes da partida, termina depois da chegada e conta com os recursos da imaginação. No caso deste *O tapete afegão*, as impressões de viajante que percorre museus ocidentais – muitas vezes para entrar em contato com o exótico mais ou menos domado do Oriente dos tempos de globalização –, bem como os textos que abordam mais diretamente o que é viajar no início do terceiro milênio, mostram como o arco construído pela erudição pode conduzir, por exemplo, da representação de um cavalo, observada em tradicional festa de saudação à primavera em Oxford, ao cavalo-marinho do bumba meu boi, tão popular e tão nacional. Esse é um exemplo singelo da tendência da autora a ultrapassar fronteiras, recriando-as por meio das comparações. Põe-se em diálogo o

1 IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

2 MEIRELES, Cecília. Os museus de Paris. *Crônicas de viagem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

que se sabia e o conhecimento que se incorpora à bagagem, consideradas sempre as condições sociopolíticas em que as manifestações da cultura assumem algum sentido particular. Sobre os brasileiros que migram para os Estados Unidos ou para a Europa, ela afirma, com indisfarçada desconfiança de que essa seja uma boa opção: “Voam todos de cá para lá, encarando a história com galhardia, sem cuidar das armadilhas que os fados podem lhes preparar, imprimindo sua marca nos itinerários da demografia mundial. Os ares lhes sejam leves.” (“Pelas rotas do planeta”, p. 192).

Haverá de ser bem interessante algum livro de viagens que Walnice Nogueira Galvão, prolífica escritora, que lançou outros dois livros em 2008, venha a escrever no futuro. Por ora, temos estes belos ensaios que, às vezes de forma despreziosa, nos mostram que as atrocidades do colonialismo à moda antiga (“Para não esquecer o rei Leopoldo”), revivido em época mais recente no Zaire governado por Mobutu (“Um dia em Soweto”), são figuras assustadoras no tapete da humanidade, tanto quanto o rifle afegão observado numa peça de museu em Paris. Aquela mostra já passara pela Espanha e contou com o apoio financeiro de uma fundação japonesa. Tanto a diversidade de culturas como a monotonia do suceder das disputas mais cruéis tornaram-se assunto para a viajante Walnice Galvão, nesse caso, porque o Museu Arqueológico de Cabul foi destruído por um bombardeio norte-americano: “A crueza daquela destruição blindada que despenca dos céus acarreta a perda do sentido e da função da arte, pervertendo o tapete que antes se destinava a embelezar e alegrar a vida cotidiana.” (p. 16). Outro viajante, o correspondente de guerra Rubem Braga, escreveu a propósito da Segunda Guerra Mundial: “Traçam demasiadas fronteiras no chão, dividem o chão entre poucos homens, torturam o chão, conspurcam o chão. Libertem o chão!”³ São muitas fron-

teiras para uma mesma humanidade, muitos desenhos perversos nesse confuso tapete que felizmente ainda é capaz de suscitar horror nos ensaístas do melhor lado.

Raquel Illescas Bueno é professora de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura na Universidade Federal do Paraná. Coursou Mestrado e Doutorado na USP, sob orientação de Alcides Villaça. Tem artigos publicados sobre as obras de Mário de Andrade, Cecília Meireles, Guimarães Rosa e Moacyr Scliar, entre outros, e é autora de *Os invólucros da memória na ficção de Carlos Heitor Cony* (Academia Brasileira de Letras, 2008).

3 BRAGA, Rubem. O chão. *Crônicas de guerra (com a FEB na Itália)*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964, p. 268.